

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**

AMANDA DE SOUZA XAVIER

**O ABISMO DA DESORDEM HUMANA**

“A Legião Estrangeira” de Clarice Lispector

Brasília - DF

2017

AMANDA DE SOUZA XAVIER

**O ABISMO DA DESORDEM HUMANA**

“A Legião Estrangeira” de Clarice Lispector

Monografia em Literatura apresentada ao curso de Letras Português da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para a obtenção dos títulos de Bacharela e Licenciada.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Trindade Nakagome

Brasília - DF

2017

“Um dia o domesticaremos em humano, e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus.”

Clarice Lispector. “Menino a Bico de Pena”, in *A Legião Estrangeira*

## **AGRADECIMENTOS**

É com carinho que agradeço à querida Patrícia — excepcional professora e orientadora — pelo exemplo, ensinamentos e compreensão. À Karen, pela enriquecedora co-orientação, gentileza e partilha em nossa admiração mútua por Jung. Agradeço também aos meus pais, Luciana e Hermano, por todo o apoio e dedicação para que eu pudesse seguir estudando e trabalhando no que amo. A Iago, quem mais de perto acompanhou no dia a dia este trabalho tomar forma, agradeço por todas as horas na biblioteca, pela calma, por saber ouvir e tranquilizar. Aos meus colegas, professores, alunos, familiares, amigos, às amadas Yvanna e Karen pela generosidade e tanto mais, os meus mais sinceros agradecimentos. Assim, este trabalho é dedicado a todos os que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional na universidade e na vida, de modo que eu chegasse até aqui com a certeza da gratidão pelas escolhas tomadas. Que este estudo contribua significativamente com as reflexões que foram suscitadas.

## SUMÁRIO

<b>“QUE MISTÉRIO TEM CLARICE?” — Uma Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>1 A REVELAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 O pinto (e outras simbologias) .....	10
1.2 Epifania e antiepifania .....	14
<b>2 O JÚRI .....</b>	<b>18</b>
2.1 Juízes e jurados .....	18
2.2 A dinastia exilada .....	19
<b>3 “E A SOMBRA SE FIZERA” .....</b>	<b>24</b>
3.1 O Bem e o Mal? .....	24
3.2 Sombra, persona e projeção .....	26
3.3 A bipartição penosa .....	31
<b>4 O ABISMO DA DESORDEM .....</b>	<b>37</b>
4.1 O assassinato .....	37
4.2 Uma legião de estranhezas .....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>42</b>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objeto de estudo o conto “A Legião Estrangeira”, de Clarice Lispector, homônimo do livro que integra. O próprio título — metáfora para o obscuro da psique humana — já enuncia o embate entre o Bem e o Mal, a Moral e o Instintivo, a ser protagonizado, principalmente, pela personagem Ofélia e pela narradora-personagem. Nossa maior pretensão é descortinar qual acreditamos ser o cerne do conto e quais críticas acerca da condição humana Lispector tece ao colocar o amor e a bondade como habilidades, assim afastando-os das características inatas ao Homem. Tendo isso em vista e acreditando na grande influência da cultura e da moral vigentes no contexto dos personagens sobre seus atos e raciocínio, é feita, por fim, uma análise psicológica dos personagens com o intuito de delimitar o que os motivou a se comportarem e pensarem tal qual demonstram no enredo. Para tanto, tivemos como aparato teórico a Linha Psicológica de Carl Jung, considerando sobretudo conceitos como sombra, persona e projeção. Também nos fundamentamos em Olga de Sá — no que diz respeito aos momentos de epifania — e em Yudith Rosenbaum — ao que se refere à temática do Mal.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. “A Legião Estrangeira”. Carl Jung. Moral. Instinto. O Bem e o Mal.

## “QUE MISTÉRIO TEM CLARICE?” — Uma Introdução

Este trabalho se aprofunda no conto “A Legião Estrangeira”, de Clarice Lispector, presente nos livros *A Legião Estrangeira* e *Felicidade Clandestina*. Foi feita uma densa investigação de todas as passagens coletando os principais simbolismos e referenciais que aparecem, sua relação com a obra lispectoriana e suas características. Dessa maneira, foi possível identificar a estrutura como o conto se apresenta e o que Clarice revela ao leitor com cada palavra, elemento e recurso, nunca escolhidos por acaso e repletos de rica significação em correspondência com o conto presente.

Quando Clarice exprime que, “já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas” (LISPECTOR, 1999, p. 19), que “o melhor está nas entrelinhas” (LISPECTOR, 1973, p. 114), a autora de fato realiza o que diz. Antes podemos considerar que a leitura de sua obra está nas entrelinhas do que nas palavras que as sustentam. Vários enredos de Lispector são relatos cotidianos, acontecimentos aparentemente triviais, protagonizados por personagens na zona de conforto do dia a dia. De repente, há o gatilho, seguido pela revelação. O momento epifânico se instaura e nos deparamos com o enigmático que brota do corriqueiro. Clarice quer extrair, das palavras, as entrelinhas.

A fala de nossa autora combina bem com sua proposta de escrita, extrair do prosaico — do que suas palavras nos revelam num primeiro momento — as entrelinhas que trazem consigo temas tão caros à existência e à identidade humana. Muito do que Clarice traz para nós habita o campo da sensação, do êxtase, do indizível, daquilo que o escrever não satisfaz, que apenas a palavra não consegue alcançar. Ainda assim, Clarice consegue provocar em seu leitor atalhos para esses caminhos.

Consciente da insuficiência do ato de escrever para retratar aquilo que não se retrata, se sente — dado que a tentativa do artista não passa de uma tentativa ao representar a realidade —, Clarice redige uma súplica. Já que se há de escrever, que pelo menos, ao se fazer isso, não se passe a impressão de que as palavras bastam o que determinadas experiências podem proporcionar quando redirecionadas para o campo do sentir.

Citando uma fala de Yudith Rosenbaum (2006), “Não se lê Clarice impunemente”. As questões que Clarice problematiza perpassam a Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia; ela pertence àqueles escritores que nos desassossegam. Clarice irá pôr o humano em confronto consigo mesmo, com o que é ser humano, as vantagens e os efeitos colaterais

que isso nos traz. Os personagens lispectorianos estão em busca, assim também está o Homem.

As membranas que nos protegem — feito as gaiolas — também podem nos isolar dos confrontos que precisamos travar com nós mesmos ainda que a contragosto, para que não sejamos por eles engolidos. Reescrevo uma frase da pintora mexicana Frida Kahlo, trocando a palavra sofrimento por sentimento, para aqui dar-lhe um sentido mais amplo: amuralhar o próprio sentimento é arriscar que ele te devore desde o interior<sup>1</sup>.

Se não nos defendermos, Clarice irá romper em nós a mesma membrana que rompe em seus personagens. Somos estrangeiros em nossa própria pele. A legião estrangeira seria tudo aquilo que ainda nos é estrangeiro, estranho para nós em nós mesmos. Muitas vezes, na forma do subconsciente que nos assalta com sua legião de estranhezas. Clarice quer que tomemos consciência daquilo do que nos preservamos.

Temos em foco um trabalho que se divide em quatro partes. Na primeira, além da apresentação do conto, é abordado o elemento disparador do *flashback* da narradora-personagem e da epifania de Ofélia, entre outras simbologias. Situamos, também, os mecanismos de ocorrência dos momentos epifânicos na obra lispectoriana, que se repetem quase como um padrão em sua escrita metafísica. Para isso, nos servimos do apoio teórico de Olga de Sá e Yudith Rosenbaum, em seus célebres livros *A Escritura de Clarice Lispector* e *Metamorfoses do Mal: Uma Leitura de Clarice Lispector*, respectivamente.

Na segunda parte, refletimos a partir do julgamento fictício como se constitui o conto. Tratamos de questões que envolvem a acepção de Bem e Mal e o seu peso sobre o contexto dos personagens. Conhecemos também mais a fundo a família de Ofélia e sua relação com a vizinha, assim como Ofélia e suas obsessões.

É na terceira parte que nos aprofundamos na transformação de Ofélia em criança e na função que desempenha a narradora-personagem como facilitadora desse processo. Passamos para um estudo psicológico dos personagens, em que buscamos delimitar o que os motivou a se comportarem e pensarem de tal maneira. Essa análise terá como alicerce os fundamentos de Carl Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço fundador da Psicologia Analítica.

---

<sup>1</sup> “Amurallar el propio sufrimiento es arriesgarte a que te devore desde el interior” (KAHLO, 2006).



Por fim, na quarta e última parte, chamamos atenção para o obscuro da psique humana — a nossa “legião estrangeira” —, terreno para o embate entre o Bem e o Mal. Nessa quarta parte, ficamos diante do crime de Ofélia; apontamos por que razões e com que finalidades a personagem assassinaria o pinto. É feita, então, uma amarração das ideias propostas desde o início, em que tocamos na grande influência da cultura e da moral vigentes no contexto dos personagens sobre seus atos e raciocínio.

Com o exposto, nossa maior pretensão é descortinar o cerne do conto “A Legião Estrangeira”, rastreado a partir de uma leitura minuciosa do texto. A estrutura é a de um julgamento fictício, como bem salienta Yudith Rosenbaum; metáfora para o julgamento de nossa própria humanidade. Lispector faz a crítica elementar: não possuímos tanta aptidão para as habilidades do amor e da bondade. Essas precisam ser apreendidas, em vez de se partir do pressuposto de que as teríamos como ingênicas.

## 1 A REVELAÇÃO

### 1.1 O pinto (e outras simbologias)

O ano de 1925 marcou a ida de Clarice Lispector, aos cinco anos de idade, para Recife, onde cresceu. No quintal da casa, nascia em Clarice o fascínio pelo animal que, mais tarde, teria papel marcante em sua obra. “Eu entendo uma galinha, perfeitamente. Quero dizer, a vida íntima de uma galinha, eu sei como é” (MOSER, 2009, p. 406).

Lispector conviveu o bastante com galinhas, ovos e pintinhos para que se tornasse íntima deles e o deslumbramento criasse raiz, germinando, mais tarde, em seus escritos. No conto “A Legião Estrangeira”, o elo vida-obra da autora se estreita no interesse dos personagens por um pinto — mais pungente nas crianças — que lhes flagra com sua graça ao aparecer em casa (LISPECTOR, 1999, p. 86).

O pinto é objeto de adoração que faz a protagonista rememorar uma época em que era vizinha de uma curiosa família, a família de Ofélia, quando “fora a testemunha de uma menina” (LISPECTOR, 1999, p. 89), dando início à segunda parte do conto. Essa travessia no tempo se dá em uma passagem elementar da trama: “Então estendi a mão e peguei o pinto” (LISPECTOR, 1999, p. 89). É crucial que a personagem estenda a mão e opte pelo pinto. Com o gesto, ela não só ativa a memória tátil como é transportada para seu passado pela ave que agora tem em mãos.

O conto é dividido em duas partes: a primeira se passa no presente; na segunda, a narradora-personagem revive momentos do passado numa abstração interior. O tempo lispectoriano é o psicológico, uma vez que o externo possui papel secundário em sua obra; o externo é acessório. Ainda assim, temos aqui o importante referencial de que o conto se inicia na véspera de Natal, enquanto sua segunda parte transcorre na Páscoa, estando esses dois no topo dos mais importantes eventos litúrgicos do catolicismo. Foi numa Páscoa que, pela feira estar cheia de pintos (LISPECTOR, 1999, p. 93), a protagonista trouxe um para os filhos pequenos e Ofélia se deparou com ele.

No Natal, é celebrado o nascimento de Cristo. Para o cristianismo, os pintinhos carregam o significado de natividade, vida nova. Ao romperem a casca, simbolizam Jesus, o que se confirma logo no início do conto: “Amanhã é Natal, mas o momento de silêncio que espero o ano inteiro veio um dia antes de Cristo nascer. Coisa piando por si própria desperta a

suavíssima curiosidade que junto de uma manjedoura é adoração” (LISPECTOR, 1999, p. 86).

O cristianismo é a religião do mundo ocidental. Ainda que a contemporaneidade tenha aberto caminhos para uma aproximação entre as religiões e a imparcialidade do Estado, os ideais sobre os quais nossa sociedade foi construída estão por demais enraizados para que — ainda que o Estado se declare laico — fossem desvinculados da moral cristã que por tantos séculos fundiu-se à política.

Por mais que um indivíduo se intitule não cristão ou mesmo ateu, desligar-se por completo do que as leis e os costumes socioreligiosos condensaram em sua formação como indivíduo torna-se, na prática, uma tarefa muito difícil. Assim, é impossível não ter o pensamento e o comportamento — de forma consciente ou não — afetados pela crença que, no mundo ocidental, foi e é o cristianismo.

Tendo isso em mente, a religião com mais praticantes no Brasil e no globo, da qual comungam tanto a família da protagonista como a de Ofélia, é o catolicismo. O leitor não precisa se atentar muito para dar-se conta de que os referenciais cristãos estão em todo lugar no conto. Permeiam desde as entrelinhas, com metáforas e simbolismos, até declarações explícitas. Temos claro que a família da narradora-personagem comemora tanto o Natal como a Páscoa, além de alusões à família de Ofélia que — apesar de diversas vezes ser descrita com traços hindus e modos estrangeiros — também comprovam sua religiosidade católica.

Tudo indica que o hinduísmo da família de Ofélia não é real, o verdadeiro papel dessa caracterização é constatar o estrangeirismo desses personagens — aqui com um sentido que extrapola o de nacionalidade — contido no título “A Legião Estrangeira”. A narradora se baseia em aspectos da aparência de seus vizinhos — trigueiros, de olheiras e gengivas roxas, a boca fina — para descrevê-los. Sendo o hinduísmo a principal religião da Índia, o que ela de fato deseja expressar é que o físico dos vizinhos a lembra o povo indiano. Tal associação apenas não pode servir como evidência para atestar sua respectiva crença ou mesmo essa genealogia, não havendo mais fatos comprovadores para isso.

Pelo contrário, o que vemos são passagens como a em que a narradora-personagem se depara com seus vizinhos na rua: “Os três trigueiros e bem vestidos passavam como se fossem à **missa**, aquela família que vivia sob o signo de um orgulho ou de um martírio oculto, arroxeados como flores da **Paixão**. Família antiga, aquela” (LISPECTOR, 1999, p. 90, grifos

nossos). Há também Ofélia, que é Ofélia Maria dos Santos Aguiar, nome composto que poderia facilmente ser uma homenagem à Virgem Maria, prática comum no Brasil. Quanto aos sobrenomes de Ofélia, ambos usuais no país, cabe apontar a origem de “dos Santos” como um sobrenome de famílias cristãs, famílias que seriam dos santos, do Bem, da religiosidade.

Aproveitando a análise da origem desses vocábulos, nos estendamos um pouco mais sobre Ofélia. De origem grega, uma das significações que o nome carrega é a de ofídio, serpente, cobra. Mais do que isso, a serpente do pecado original, do Jardim do Éden. Maria derrota a serpente — o Demônio — pisando em sua cabeça, cena que encontramos representada em diversos quadros e esculturas atemporais. Já Aguiar, que deriva da palavra águia, irá retratar a rapina na menina transgressora: “Uma astúcia passou-lhe então pelo rosto — se eu não estivesse ali, por astúcia, ela roubaria qualquer coisa. Nos olhos que pestanejavam à dissimulada sagacidade, nos olhos **a grande tendência à rapina**” (LISPECTOR, 1999, p. 94, grifo nosso).

Portanto, todo o nome dessa personagem é retrato de um conflito que começa na psique e migra para o externo. O conflito entre o certo e o errado, entre o Bem e o Mal; a Virgem Maria contra o Demônio, a santidade contra a astúcia. A inveja, a cobiça, a astúcia extrapolam o abstrato e se concretizam no plano físico, através dos atos perversos de Ofélia e de sua família.

Outro símbolo de grande peso no conto é a maternidade, que aparece como a protagonista mãe, aparece quando ela é aproximada à figura de Maria, aparece como facilitadora do “parto” de Ofélia, meio para que a menina adultizada nasça criança. Trechos em que a maternidade é mais explícita trazem declarações como “Eu sabia também que só mãe resolve o nascimento” (LISPECTOR, 1999, p. 88) ou a abordam segundo o viés cristão, que é o que predomina: “Eu era a enviada” (LISPECTOR, 1999, p. 88), “Eu era a mulher da casa, o celeiro” (LISPECTOR, 1999, p. 88). Falas que, como estas últimas, são procedentes de expressões de origem bíblica.

A fim de cessar o pavor do pinto, o filho mais novo pergunta à própria mãe se ela quer ser a mãe do filhote de galinha. É então que ela estende a mão e opta por pegar o pintinho, adotando-o. Nesse instante, ao se dar o *flashback*, ela revê Ofélia em sua memória e se lembra: fora a testemunha de uma menina. A cena funciona como metáfora para o episódio da Anunciação do Anjo Gabriel à Maria:

Mas era amar o nosso amor querer que o pinto fosse feliz somente porque o amávamos. Eu sabia também que só mãe resolve o nascimento, e o nosso era amor de quem se compraz em amar: eu me revolia na graça de me ser dado amar, sinos, sinos repicavam porque sei adorar. Mas o pinto tremia, coisa de terror, não de beleza.

O menino menor não suportou mais:

— Você quer ser a mãe dele?

Eu disse que sim, em sobressalto. Eu era a enviada junto àquela coisa que não compreendia a minha única linguagem: eu estava amando sem ser amada. (LISPECTOR, 1999, p. 88)

Enquanto a protagonista é Maria, o filho caçula — benevolente como as crianças bíblicas — faz o papel do Anjo Gabriel; e o pintinho, o de Jesus. Sim, mãe é que resolve o nascimento, o sim de Maria, o sim da protagonista. A vida do pinto será breve, como a protagonista sabe e como Maria sabia de seu Filho, e “também este [o pinto] sabia, do modo como as coisas vivas sabem: através do susto profundo” (LISPECTOR, 1999, p. 88), ele que “só nascera para a glória de Deus, então fosse a alegria dos homens” (LISPECTOR, 1999, p. 88). Jesus morre porque os homens não souberam amar.

O mesmo pinto que se assemelha ao Cristo também se desassemelha; o Cristo morre para a redenção dos pecados dos homens, “faz parte da natureza dos pintos serem mortos” (CARDOSO, 1995, p. 106), mas este pinto — o do conto — é inútil: “gratuito, nem sequer necessário” (LISPECTOR, 1999, p. 88). “Um dos pintos tem que ser inútil” (LISPECTOR, 1999, p. 88); outros pintos são úteis, mas esse não, esse é só pinto, não cordeiro.

Ainda que tenha sido sacrificado por Ofélia — como Jesus foi pelos homens — o pinto de Ofélia não atinge sua finalidade. A menina cresce e nunca mais volta, vai ser “a princesa hindu por quem no deserto sua tribo esperava” (LISPECTOR, 1999, p. 100), como se, “desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada” (LISPECTOR, 1999, p. 100). A princesa estrangeira segue para o seu reino, aonde sua legião de estranhezas a aguardava para servir ao nada.

O sim sobressaltado da narradora-personagem não deve nos passar despercebido, sobressaltado porque mesmo ela se surpreende por aceitar o desafio:

A missão era falível, e os olhos de quatro meninos aguardavam com a intransigência da esperança o meu primeiro gesto de amor eficaz. Recuei um pouco, sorrindo toda solitária, olhei para minha família, queria que eles sorrissem. Um homem e quatro

meninos me fitavam, incrédulos e confiantes. Eu era a mulher da casa, o celeiro. Por que a impassibilidade dos cinco, não entendi. Quantas vezes teria eu falhado para que, na minha hora de timidez, eles me olhassem. Tentei isolar-me do desafio dos cinco homens para também eu esperar de mim e lembrar-me de como é o amor. Abri a boca, ia dizer-lhes a verdade: não sei como. (LISPECTOR, 1999, p. 88)

O marido e os quatro filhos a desafiam a salvar o pinto, salvação que se daria por meio do “gesto de amor eficaz”, no qual ela nunca obtivera êxito. Ela aceita porque não tem escolha, está encurralada e todo esse silêncio é demais para ela; o que a faz decidir são imagens etéreas que de súbito lhe assaltam a mente. Se uma mulher lhe aparecesse de noite carregando o filho no colo e lhe pedisse para curá-lo, ela teria de tentar, ainda que não soubesse como. Então, cede. Diante do sim, rememora o crime que não impediu, o pinto que não salvou da morte, o pinto de Ofélia.

O conto termina com a narradora de volta ao presente, batendo um bolo na cozinha para o Natal do dia seguinte. O pinto, esse ainda treme de terror, porque outra vez a narradora sucumbiu à ineficácia. “Embaixo da mesa, estremece o pinto de hoje. O amarelo é o mesmo, o bico é o mesmo. Como na Páscoa nos é prometido, em dezembro ele volta” (LISPECTOR, 1999, p. 100), substituível. “Ofélia é que não voltou: cresceu” (LISPECTOR, 1999, p. 100), não podendo jamais ser reposta.

Isso explicaria em parte por que a urgência da narradora ao buscar consolar a menina homicida, ao passo que o corpinho morto da ave é abandonado no chão. Segundo Cardoso (1995), é “parte da natureza dos pintos serem mortos” (p. 106), “a atenção da narradora volta-se para as marcas que o gesto poderia deixar na menina. O pinto é esquecido e, anos mais tarde, substituído por outro igual” (p. 106). Seria um pinto coisa tão descartável?

## **1.2 Epifania e antiepifania**

A protagonista, o marido e os quatro filhos ganham portanto um pinto que lhes deixa maravilhados. O pavor que o pinto sente deles, porém, gera surpresa e inquietação. Eles são confrontados com a percepção de que são — a princípio sem motivo — fonte de temor. Percebem, pelo terror do pinto, que sua bem-intencionada maneira de amar é, na verdade, causadora do mal-estar que o pintinho demonstra sentir. É aqui que se dão conta de sua falta de habilidade em serem bons (LISPECTOR, 1999, p. 87).

Quem está familiarizado com o estilo de Lispector irá identificar a prevalência do mundo interior sobre o mundo exterior. É traço característico de Clarice fazer com que algum fato aparentemente sem importância de repente desponte no processo introspectivo. Perturbado o equilíbrio, os personagens são arrebatados para dentro de si mesmos. As emoções e ponderações que emergem os puxam, eles — que serão submetidos aos fluxos de consciência ou monólogos mentais — se debaterão até que o peso os faça ceder ao âmago de suas profundezas. O mergulho se dá numa complexidade de teias psíquicas e angústias humanas, as quais a epifania sucede.

Os personagens lispectorianos estão sempre a um passo da tomada de consciência, a revelação. Os enigmas da existência foram sempre caros à obra de Lispector, questionamentos e reflexões existencialistas permeiam o momento epifânico e carregam críticas enérgicas sobre a condição humana. Quem somos? O que somos? Por que e para que fazemos o que fazemos?

Em seu livro *A Escritura de Clarice Lispector*, Sá (1979) — através de uma definição de Massaud Moisés — designa epifania como sendo “«o momento da lucidez plena, em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si próprio»” (MOISÉS apud SÁ, p. 131, grifo do autor). Delimita também que “esse «momento privilegiado» não precisa ser «excepcional» ou «chocante»; basta que seja «revelador, definitivo, determinante»” (MOISÉS apud SÁ, p. 131, grifo do autor).

*A Escritura de Clarice Lispector*, publicado pela primeira vez em 1979, teve uma boa recepção e foi substancial em um tempo em que a fortuna crítica a respeito da escritora ainda era escassa. Até os dias atuais, o livro ainda mantém sua posição dentre os estudos de maior respeito acerca da autora e de sua obra, sendo citado na maior parte dos trabalhos posteriores, que o prosseguiriam como seus contemporâneos.

O capítulo destinado a tratar do conceito e procedimento da epifania irá trazer, também, James Joyce, precursor da epifania — antes experiência mística, religiosa de origem bíblica — como técnica literária, afastando-a da conotação meramente teológica:

Segundo o *Dicionário de Teologia Bíblica* de Johannes Bauer, epifania é um conceito central do mundo hebreu, que mostra somente algumas coincidências exteriores com fenômenos semelhantes do mundo pagão ambiente.

«Por Epifania se entende a irrupção de Deus no mundo, que se verifica diante dos olhos dos homens, em formas humanas ou não humanas, com características naturais ou misteriosas que se manifestam repentinamente, e desaparecem rapidamente». (SÁ, 1979, p. 132, 133, grifos do autor)

Dentre os influenciadores de Clarice, Joyce é sem dúvida um dos mais relevantes, principalmente no que diz respeito à técnica epifânica. O título de *Perto do Coração Selvagem* — estreia de Clarice como romancista — é uma clara referência a um trecho de *Retrato do Artista quando Jovem*, de Joyce, que diz: “«Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida». (He was alone. He was unheeded, happy and near to the wild hearth of life)” (In: SÁ, 1979, p. 150).

O conceito de epifania na literatura perpassa diversos teóricos. Nomes importantes como Roberto Schwarz, Massaud Moisés, Costa Lima, Benedito Nunes, dentre outros, são referenciados por Sá quando ela mapeia o que muitos críticos declararam ao se aventurarem pela obra de Lispector nos primeiros momentos. Descreviam trechos de sua escrita usando elementos próprios do processo epifânico sem ainda apontarem precisamente o termo, mas as palavras escolhidas não deixam dúvidas. A própria Clarice “jamais usa o termo epifania e, se tem consciência deste processo, não o demonstra explicitamente” (SÁ, 1979, p. 152).

Clarice é escritora que ressignifica o cotidiano, resgata sua fecundidade e extrai do banal a motivação para o êxtase. O que perturba o comodismo e desencadeia esse processo é usualmente o outro — humano ou não. Em “A Legião Estrangeira”, o outro é o pinto; a recorrência de animais em relação com os personagens não é uma especificidade desse conto em questão. Um interessante trabalho de Teles trata desse quesito em seu artigo intitulado “A Relação entre Pessoas e Animais em Contos de *A Legião Estrangeira*”:

Os animais agem como gatilhos que operam no descentramento da composição de personagens humanas, além de estarem envolvidos em impasses de ordem ética que estão implicados no relacionamento entre sujeito e alteridade. (2015, p. 207)

O pinto no conto é gatilho: para o *flashback* da narradora-personagem, para a epifania de Ofélia. Todavia, o processo que a menina experimenta não reverbera como graça ou harmonia, o Belo não se constitui. Antes disso, ela irá atravessar — não sem dor, não sem luta — todo um processo de deformação. “Heroína despedaçada, em momento de pura epifania negativa” (ROSENBAUM, 2006, p. 90), Ofélia está posta ao avesso.



As epifanias em *Lispector* “não são necessariamente transfigurações do banal em beleza. Muitas vezes, como marca sensível da epifania crítica, surge o enjoo, a náusea. A transfiguração não é radiosa, mas se faz no sentido do mole, do engordurado e demoníaco” (SÁ, 1979, p. 155, 156). “Assim como existe em Clarice toda uma gama de epifanias da beleza e visão, existe também uma outra, de epifanias críticas e corrosivas, epifanias do mole e das percepções decepcionantes, seguidas de náusea ou tédio” (SÁ, 1979, p. 156). No caso de Ofélia, o descentramento e a desagregação do eu, que se metamorfoseia.

Rosenbaum irá traduzir antiepifania como “momento privilegiado da aparição do mal” (2006, p. 20). Em 1999, ela publica pela primeira vez seu segundo livro: *Metamorfoses do Mal: Uma Leitura de Clarice Lispector*, no qual investiga o sadismo — pela psicanálise — como “força mobilizadora do enredo” e “potência destruidora das estruturas acomodadas e conservadoras” (2006, p. 20) em que se encontram os personagens. Aqui, será então a força antiepifânica a criadora do “momento disruptivo que lança as personagens para um confronto com o mundo, denunciando em cada uma delas a ameaça da estagnação” (2006, p. 20).

Com isso em vista, Rosenbaum identifica, na antiepifania lispectoriana, “a perda da plenitude e da ilusão de uma grandeza impossível: cisão, fragmentação, desrazão e sadismo” (2006, p. 20). Nesse trecho, sem contudo estar se referindo precisamente à Ofélia, mas à antiepifania lispectoriana geral, todos esses elementos encontram-se detectados na menina. “Não era somente a um rosto sem cobertura que eu a expunha, agora eu a expusera ao melhor do mundo: a um pinto” (LISPECTOR, 1999, p. 95) — é o pinto o único que desarma Ofélia e sua grandeza de adulto, a obstinação de quem tudo sabe, desestabilizando o invólucro adultizado para que ela descubra, sem cobertura, o amor.

## 2 O JÚRI

### 2.1 Juízes e jurados

A narrativa do conto se estabelece num formato sugestivo, o de um julgamento fictício em que a protagonista dá seu testemunho. Como bem salientou Rosenbaum (2006):

A temática do mal já vem prenunciada nas repetições do advérbio “mal” no primeiro parágrafo, que introduz o conto com uma cena hipotética de um julgamento. Nele, a narradora em primeira pessoa contrasta duas faces de um mesmo fenômeno: o obediente testemunho sobre a família de Ofélia, sua vizinha, frente a um júri imaginário, e o “delicado abismo da desordem”, metáfora do mal, que denuncia a criminalidade de todos nós quando acordamos do “longo sono”:

Se me perguntassem sobre Ofélia e seus pais, teria respondido com o decoro da honestidade: *mal* os conheci. Diante do mesmo júri ao qual responderia: *mal* me conheço — e para cada cara de jurado diria com o mesmo límpido olhar de quem se hipnotizou para a obediência: *mal* vos conheço. Mas às vezes acordo do longo sono e volto-me com docilidade para o delicado abismo da desordem [p. 121, grifos nossos]. (ROSENBAUM, p. 85)

Essa estrutura não é somente o indício da ocorrência de um crime, mas um reflexo da personalidade da própria protagonista, uma mulher insegura e exigente consigo mesma, resignada, até temerosa. Ela está a ser julgada por suas ações, pensamentos, sentimentos. Os personagens de fato esperam algo dela (filhos e marido) e estão a julgá-la (Ofélia e seus pais), no entanto é sua autocrítica a lupa que faz tudo isso parecer maior.

Visto isso, o julgamento hipotético do crime é metáfora para o julgamento interno da protagonista e do próprio ser humano. Já o crime propriamente dito é revelado somente ao final do conto; até lá, assistimos principalmente aos processos de Ofélia e da narradora, que protagonizam uma série de embates psicológicos.

No trecho citado por Rosenbaum, referente ao primeiro parágrafo do conto, há duas definições de “mal” passíveis de análise na passagem em questão. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* traz a interpretação de algo que foi insatisfatório ou não foi satisfatório por completo. Nesse caso, temos que a protagonista responde admitindo conhecer de forma precária Ofélia e seus pais, conhecer precariamente a si mesma, conhecer precariamente os jurados.

Em segunda análise, a outra significação de “mal” trazida pelo Houaiss é a de algo ruim, contrário ao Bem. Podemos dizer que, além da pouca compreensão que há entre os personagens — não só entre as duas famílias, mas entre cada um deles —, há a admissão do *mal* existente em cada um de nós quando acordamos do longo sono desse mal adormecido, a desordem humana. O abismo é descrito como delicado, sugestão das diversas formas como ele pode se revelar. Por exemplo, o pinto que é assassinado por uma criança supostamente inocente, numa brincadeira que deveria ser igualmente inocente.

Tendo isso em vista, chega-se à conclusão de que não conhecemos uns aos outros. Acessamos o superficial dos outros e de nós mesmos, apenas por vezes topando com as nossas camadas mais ocultas, que insistimos em manter ocultas por nelas residir o que a moral não conseguiu domar e que sofreu repressão. A narradora irá reiterar isso de forma contundente já na primeira parte do conto, no trecho em que ela e o marido são confrontados pelos filhos: “Em silêncio, em respeito à **impossibilidade de nos compreendermos**, em respeito à revolta dos meninos contra nós, em silêncio olhávamos sem muita paciência” (LISPECTOR, 1999, p. 87, 88, grifo nosso).

Psicologicamente falando, pode-se afirmar que tudo que é negado ou reprimido — em vez de compreendido e integralizado pela psique — retorna com força maior e possivelmente destrutiva. Sobre essas camadas ocultas, façamos uso da metáfora de uma panela de pressão que, tendo tanto concentrado nela, acumula uma energia que cedo ou tarde precisa sair e então explode. Diante desse impasse, a conduta psicoterapêutica tem sido investigar e compreender os sentidos de tal desordem, com o intuito de que possa ser enxergada e reorganizada pelo indivíduo. A psicoterapia o capacitaria para entrar em contato com a sua sombra e conscientizar-se dela progressivamente.

A “impossibilidade” de compreensão entre os personagens denota uma dificuldade talvez até mais grave que passa despercebida. Como poderiam se entender se antes mesmo não compreendem nem a si próprios? A impossibilidade de compreensão é o véu do mecanismo de defesa que os impede de ver, de trazer o oculto para a luz da consciência. Véu que, para eles, é protegerem-se dos demais, a fim de consequentemente protegerem-se das verdades sobre si mesmos.

## 2.2 A dinastia exilada

Há também a cena em que, rememorando a mãe de Ofélia, a narradora conta o único instante de intimidade entre elas, que as afastara ainda mais “por receio de um abuso de compreensão” (LISPECTOR, 1999, p. 89). No banco da praça, certa vez a mãe de Ofélia revelara que sempre quisera fazer um curso de enfeitar bolos, ao que a narradora responde — desajeitada — que o curso de bolos a agradaria. Aquele momento, em que ambas são aproximadas pelo gosto em comum, irá despertar novo desgosto na mãe de Ofélia, que chega a ser grosseira na próxima vez em que as duas se encontram, no elevador:

O que, ali mesmo no elevador, me fizera pensar que eu estava pagando por ter sido sua confidente de um minuto no banco do jardim. O que, por sua vez, me fizera pensar que ela talvez julgasse me ter confiado mais do que na realidade confiara. O que, por sua vez, me fizera pensar se na verdade ela não me dissera mais do que nós duas percebêramos. [...] “Não contarei a ninguém que você quer enfeitar bolos”, pensei olhando-a rapidamente. (LISPECTOR, 1999, p. 90)

Aqui, retoma-se de modo preciso a defasagem de entendimento, entendimento que talvez jamais tenha sido inconcebível, mas sim intencional em sua intangibilidade. O que, por trás de tal inocente declaração, a mãe de Ofélia teria acidentalmente deixado escapar? Nas entrelinhas de Lispector, o silêncio que precisa ser ouvido, como a autora afirma em *Água Viva*: “Ouve-me, ouve o silêncio. O que te falo nunca é o que eu te falo e sim outra coisa. Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão” (LISPECTOR, 1973, p. 16). Silêncio que é ensurdecador para a narradora-personagem de “A Legião Estrangeira”.

A narradora e a mãe de Ofélia encontram, no enfeitar de bolos que agrada a ambas, sua primeira semelhança explícita. A família de Ofélia, que não admite ter semelhanças com a vizinha, jamais poderia admitir ser ela o espelho para suas próprias vulnerabilidades e fraquezas. Afinal, o inconsciente é vizinho do consciente. Ofélia e seus pais enxergam na narradora a sombra de sua família, que — vivendo dura, soberba, poderosamente — só haveria de possuir uma sombra inversa: a vizinha insegura, fraca, ignorante. Encará-la como semelhante seria confrontar a si mesmos. Quando a narradora promete pelo olhar não revelar o segredo do curso de enfeitar bolos, sabemos: a mãe de Ofélia precisa proteger o segredo da família, cuidadosamente enterrado para longe de sua consciência:

Uma vez, quando Ofélia estava sentada, tocaram a campainha. Fui abrir e deparei com a mãe de Ofélia. Vinha protetora, exigente:

— Por acaso Ofélia Maria está aí?

— Está, escusei-me como se a tivesse raptado.

— Não faça mais isso, disse ela para Ofélia num tom que me era dirigido; depois voltou-se para mim e, subitamente ofendida: — Desculpe o incômodo.

— Nem pense nisso, essa menina é tão inteligente.

A mãe olhou-me em leve surpresa — mas a suspeita passou-lhe pelos olhos. E neles eu li: que é que você quer dela?

— Já proibi Ofélia Maria de incomodar a senhora, disse agora em desconfiança aberta. E segurando firme a mão da menina para levá-la, parecia defendê-la contra mim. (LISPECTOR, 1999, p. 93)

O relacionamento da protagonista com os vizinhos é distante, cheio de esquivas e desconfiança, modo como se preservam uns dos outros. “Quanto à mãe de Ofélia, ela temia que à força de morarmos no mesmo andar houvesse intimidade e, sem saber que também eu me resguardava, evitava-me” (LISPECTOR, 1999, p. 89). Tudo o que a narradora sabe sobre eles é pouco — o pai dedica-se ao ramo da hotelaria, a mãe compartilhara uma vez que sonhava em enfeitar bolos —, “mas o contato se fez através da filha” (LISPECTOR, 1999, p. 90). E quem é Ofélia? A menina de oito anos, de longos cachos duros, parecida com a mãe no roxo das olheiras e gengivas, miniatura de adulto que “luta desesperadamente para negar sua infância” (ROSENBAUM, 2006, p. 24). Sobre seus vizinhos, a narradora diz:

O pai agressivo, a mãe se guardando. Família soberba. Tratavam-me como se eu já morasse no futuro hotel deles e ofendesse-os com o pagamento que exigiam. Sobretudo tratavam-me como se nem eu acreditasse, nem eles pudessem provar quem eles eram. E quem eram eles? indagava-me às vezes. Por que a bofetada que estava impressa no rosto deles, por que a dinastia exilada? E tanto não me perdoavam que eu agia não perdoada: se os encontrava na rua, fora do setor que me era circunscrito, sobressaltava-me, surpreendida em delito: recuava para eles passarem, dava-lhes a vez — os três trigueiros e bem vestidos passavam como se fossem à missa, aquela família que vivia sob o signo de um orgulho ou de um martírio oculto, arroxeados como flores da Paixão. Família antiga, aquela. (LISPECTOR, 1999, p. 90)

A descrição da dura família prepara o terreno para conhecermos Ofélia e a força de sua personalidade, que é inconveniente, orgulhosa, obstinada, somada à mania de grandeza<sup>2</sup>. Diferente de seus pais, ela não evita a vizinha. Pelo contrário, aparece de forma recorrente na

---

<sup>2</sup> Entenda-se, aqui, não o conceito da Psicologia de mania de grandeza, mas o sentido meramente coloquial que não tem essa pretensão. Dizemos respeito à mania, ao hábito, à obsessão de Ofélia em ser grande, adulta; à sua soberba em saber e acertar tudo, “aquela menina tão inteligente”.

casa mesmo sem ser convidada, bate à porta e entra. Inversamente ao que se espera, a visita não é para as outras crianças, mas para a própria narradora, a adulta. A contragosto, ela recebe a menina que, quando não está tecendo críticas a seu respeito, está a sustentar o mais excruciante dos silêncios enquanto a esquadrinha com os olhos.

Se antes a hostilidade entre as duas famílias já era evidente, agora elas se desafiam na posição de oponentes, tendo como representantes Ofélia de um lado e a narradora do outro<sup>3</sup>. Em Ofélia e sua família, encontramos a soberba, ao passo que o papel que a narradora-personagem desempenha é a personificação do seu oposto. A própria legião estrangeira é Ofélia e seus pais, a dinastia exilada, a estranheza oculta, enquanto a narradora e sua família são apresentadas como os bons cristãos, repletos de boas intenções, especialmente os filhos jovens.

O contraste inicial entre o Bem e o Mal (o amor compartilhado da família da narradora, a frieza e agressividade da família de Ofélia) coloca em cena as duas protagonistas como representantes das duas forças engendradores do conflito (o *ágon* de que fala Frye): Eros e *Thanatos*, amor e ódio que transitam entre ambas e em ambas. (ROSENBAUM, 2006, p. 93, grifos do autor)

É como se a família da protagonista fosse a metade do Bem, da positividade, enquanto a de Ofélia seria a do Mal, da negatividade. Essa configuração mais uma vez evoca o Bem e o Mal, o conflito entre as duas forças, que está sempre desenhada de diversos ângulos no conto. Assim, a projeção entre as duas famílias é mútua. Se os pais de Ofélia são como são, é de se esperar que a menina tenha recebido educação semelhante, refletida em seus atos e modo de ser. É Ofélia quem está em foco, enquanto sua família é omitida na maior parte do tempo. No entanto, para olhares mais atentos, a presença da mãe se faz na filha. É com sua mãe que Ofélia aprende quem é a vizinha, como deve ser vista, como deve ser tratada, depois de tanto tê-las presenciado.

Quando, num primeiro momento, pensamos que Ofélia está em vantagem, logo mais devemos questionar sua posição. Ofélia pode competir com destreza, mas sua obsessão também a escraviza: “Mas voltava, sim. Eu era atraente demais para aquela criança. Tinha defeitos bastantes para seus conselhos, era terreno para o desenvolvimento de sua severidade,

---

<sup>3</sup> “Ficamos nos defrontando, dessemelhantes, corpo separado de corpo; somente a hostilidade nos unia” (LISPECTOR, 1999, p. 97).

já me tornara o domínio daquela minha escrava: ela voltava, sim, levantava os babados, sentava-se” (LISPECTOR, 1999, p. 93). Estaria a força de Ofélia no quanto ela teria de reprimido em si mesma?

O que devemos ter em mente sobre essa criança “tão inteligente” é: por que o hábito de atormentar sua vizinha? “A tortura de Ofélia se exerce com palavras (conselhos, críticas e o hábito intolerável de usar a palavra ‘portanto’) e, mais ferozmente, com silêncios” (ROSENBAUM, 2006, p. 87). Novamente, o silêncio — “a pior parte” (LISPECTOR, 1999, p. 91). O mesmo silêncio que é grande demais para a narradora, o qual ela não suporta e, por isso, a faz estender a mão e adotar o pinto.

Muitas vezes o nocivo e o desejo andam lado a lado, numa relação de tensão que ora é atração ora é repulsa. É logo o esquisito que fascina e desperta a curiosidade da menina intelectual e observadora:

Uma vez, depois de seu longo silêncio, dissera-me tranquila: a senhora é esquisita. E eu, atingida em cheio no rosto sem cobertura — logo no rosto que sendo o nosso avesso é coisa tão sensível — eu, atingida em cheio, pensara com raiva: pois vai ver que é esse esquisito mesmo que você procura. Ela que estava toda coberta, e tinha mãe coberta, e pai coberto. (LISPECTOR, 1999, p. 91, 92)

Vê-se que a narradora não nega sua esquisitice. Ela, que tampouco tem coragem para se impor e nunca dispensou a menina, não irá confrontá-la agora. Nada diz em voz alta perante o ataque, tudo suprime em sua mente, onde está segura sustentando uma máscara. Se prestarmos atenção, Ofélia é regida pelo intelecto, não se entrega ao movimento. Ela não brinca, não corre, não carrega a empolgação característica de uma criança; é séria e impassível. Outrossim, como seus pais, possui cobertura, película que a protege — e esconde — toda.

Ofélia está ocupada em identificar defeitos e corrigi-los, não por simpatia, mas para a reafirmação de si mesma, e não qualquer defeito, mas os da adulta que ela ainda não é. Seu caráter perfeccionista também vai de encontro a uma ambição do saber. Ofélia precisa saber tudo, acertar tudo, sempre possuir a última palavra. É dela a conclusão, o “portanto”. É assim que ela, uma perspicaz garotinha de oito anos, consegue se sobrepor àquela outra mulher que teria idade para ser sua mãe.

### 3 “E A SOMBRA SE FIZERA”

#### 3.1 O Bem e o Mal?

Estamos diante de personagens com um déficit na prática de serem bons. Crianças que acusam os pais por nada fazerem “pelo pinto ou pela humanidade” (LISPECTOR, 1999, p. 87), adultos resignados pelas coisas serem assim mesmo (LISPECTOR, 1999, p. 87) e uma menina de oito anos em toda a sua perversidade. Para que algo carregue a acepção de bom ou mau, é forçoso que a psique o conceba como tal. Isso posto, Bem e Mal são resultado de um juízo de valor. Por serem realidades psíquicas, não são verdades absolutas, devido a serem percebidas e interpretadas por cada ser humano. Sendo assim, eles são configurados pela religião e/ou pela cultura determinadoras dos valores vigentes no contexto e no tempo aos quais um indivíduo pertence.

Para melhor adentrar o embate entre o Bem e o Mal, a luz e o sombrio da personalidade humana no conto, devemos situar em que contexto de moralidade estão os personagens, ter em mente a ótica cristã sobre a qual nossa sociedade ocidental se fundou — destacando a consolidação do poder da Igreja na Idade Média — e continuar a mapear, no texto, os diversos simbolismos e referenciais cristãos que provam sua relevância na crença dos personagens.

É pela experiência que os pais — os adultos — têm ciência dos males que podem nascer pela “bondade” e pelo “amor”. Diferente de seus filhos, nos quais a bondade ainda é um ardor, a protagonista a sente com intimidação, e seu marido, com rispidez, severidade e alguma penitência consigo mesmo (LISPECTOR, 1999, p. 87). Clarice, ao colocar ser bom e amar como habilidades, as retira do âmbito das virtudes inatas ao Homem e as coloca no patamar das coisas a serem apreendidas. Com isso, distancia-se da máxima de Jean-Jacques Rousseau de que o Homem seria bom por natureza, no entanto corrompido pela sociedade.

Não por mera casualidade a palavra “ardor”, do latim *ardere* (“queimar”, “arder”), foi adotada por Lispector na descrição da forma como os filhos da protagonista, por serem ainda muito jovens, sentem a bondade e o amor. Os sentimentos se alastram nas crianças, mais instintivas e ainda menos civilizadas que o adulto. Inflamáveis, se acendem com a facilidade da figura do fogo. Os meninos acusam seus pais por não fazerem nada pelo pinto ou pela humanidade. E os adultos, mesmo que incomodados com o constrangimento, abrem o



sorriso de quem se compadeceu com o fato de as coisas serem assim mesmo (LISPECTOR, 1999, p. 87). Uma crítica da autora à resignação humana?

O conto “A Legião Estrangeira” propõe o lado primitivo, instintivo, considerado obscuro do ser humano diante da força civilizatória, a moral. Moral essa que confere ao ser civilizado o “límpido olhar de quem se hipnotizou para a obediência” (LISPECTOR, 1999, p. 86). É unânime afirmar que uma comunidade só se sustenta mediante regras e princípios capazes de harmonizar os impulsos naturais do Homem. Se não fosse assim, seria correr o risco de fadarmos uns aos outros ao extermínio.

Lamentavelmente, atrocidades que mancharam a História da humanidade ainda hoje se destacam, provando que, mesmo que Freud postule que “o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas” (1997, p. 38), ele por fim reconhece ser a civilização um mal necessário.

As mesmas regras sociais que controlam impulsos e garantem que os personagens não façam o pior uns aos outros são as mesmas regras que, de tanto os podarem, contribuem para a possessão da sombra de Ofélia, por exemplo, que a leva a matar o pinto. Mesmo não sendo completamente produtos do meio, a incidência dele sobre nós ainda é extensa e deve ser manejada.

Seria equivocado nomear fiel apenas o devoto à religião. Da mesma forma que o fiel que não acata a doutrina constitui pecado, o civil que não acata a obediência às regras sociais também é punido; se não legislativamente, pelo olhar coercitivo dos demais. Durkheim (1996) alega que a sociedade “é para seus membros o que um deus é para seus fiéis” (p. 211). Se não fosse assim, ela não seria capaz de criar em nós a obediência moral que prestamos a ela em nossas condutas. Condutas essas que não se restringem ao comportamento, mas se elevam ao pensamento, ao que aspiramos e cremos, constituindo, dessa maneira, ferramentas socioreguladoras.

Em Jung, encontramos entendimento similar quando, para ele, a palavra religião não se restringe à “adesão a um credo particular” ou a “tornar-se membro de uma igreja” (SILVEIRA, 1997, p. 126). Nossa sociedade é possuidora de tantos ídolos e devotos como é possível encontrar similarmente em igrejas, cultos e doutrinas. “Basta visitar o salão anual do automóvel para reconhecer ali uma manifestação religiosa profundamente ritualizada. O culto

do veículo sagrado tem seus fiéis e seus iniciados” (GRRELEY apud SILVEIRA, 1997, p. 127).

“Procissões” como as vistas nas campanhas políticas, em que milhares de pessoas saem carregando cartazes e faixas pelas ruas em propaganda; os “altares” dos fãs de grandes celebridades, com fotos, autógrafos e artigos diversos; “deuses” como os Beatles ou astros do esporte “levam ao delírio imensas multidões” (SILVEIRA, 1997, p. 127).

Exemplos como esses nos mostram que, no lugar das imagens divinas antigas, outros ícones passam a ser reverenciados, uma vez que — como toda função psíquica sempre busca maneiras de expressão — novos canais serão encontrados para dar escoamento a essa energia acumulada (SILVEIRA, 1997, p. 126, 127). Dessa forma, assegura-se a autoridade “sagrada” que uma sociedade — a qual também os personagens de “A Legião Estrangeira” pertencem — possui sobre seus “devotos”, não necessariamente religiosos.

### **3.2 Sombra, persona e projeção**

Ofélia encontra, em sua vizinha insegura, o terreno perfeito para validar-se como a mais sábia e inteligente das duas. E o mais assombroso: a menina sempre sabe, sempre acerta. Se a narradora não tivesse esse perfil, talvez Ofélia não conseguisse tantos resultados desejados e a disputa fosse mais acirrada. Ainda assim, a força vil dessa criança não deixa de ser admirável. Ofélia contraria um conhecido versículo bíblico em que fala Jesus: “Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais. Porque o reino dos céus é para aqueles que se assemelham a elas” (Mt 19,14). Além disso, ela não é nem a primeira nem a única criança sádica criada pela escrita transgressora de Lispector.

As causas para Ofélia recusar a infância não são exatas. O que podemos fazer são suposições — sua genealogia e criação? — e ainda assim incompletas. Que criança não idealiza a idade adulta? No entanto, Ofélia encarna esse desejo como obsessão. Até isto referencia a realidade da vida adulta: não que a infância não tenha sua perversidade, pelo contrário, mas é na idade madura que o lado obscuro do Homem se manifesta com maior potência — traço que Ofélia encarna ao assumir sua persona(gem): vil enquanto adulta, amorosa quando criança. Até porque crianças mais novas ainda não têm clareza do que é ser bom e mau; na tenra infância, ainda é tudo instinto.

Com o processo civilizatório, a moral vigente exige que suprimamos muito do que era natural para nós. Em outras palavras, no momento em que os anos das primeiras idades são finalmente deixados para trás, o conteúdo armazenado também é maior e — quando mal integrado à psique — vira escombro. Essa energia soterrada acumular-se-á na sombra. Ademais, aqui deve ser reiterado que a criança, por ser mais instintiva, não necessariamente é má ou ruim; as noções de Bem e Mal continuam a depender da ideologia local. Assim, quando o adulto “explode”, ele já possui mais energia reprimida do que possuiria uma criança.

Enfoquemos a seguinte passagem do conto, em que Ofélia descobre o pinto:

E a sombra se fizera. Uma sombra profunda cobrindo a terra. Do instante em que involuntariamente sua boca estremeceu quase pensara “eu também quero”, desse instante a escuridão se adensara no fundo dos olhos num desejo retrátil que, se tocassem, mais se fecharia como folha de dormideira. (LISPECTOR, 1999, p. 94)

Mediante esse trecho, pode-se acessar o conceito de sombra de Carl Jung:

A definição junguiana da sombra foi muito bem colocada por Edward C. Whitmont, analista de Nova York, ao dizer que a sombra é “tudo aquilo que foi reprimido durante o desenvolvimento da personalidade, por não se adequar ao *ideal do ego*”. Se você teve uma educação cristã, com o ideal do ego de ser benevolente, moralmente reto, gentil e generoso, então certamente você precisou reprimir todas as suas qualidades que fossem a antítese desse ideal: raiva, egoísmo, loucas fantasias sexuais e assim por diante. Todas essas qualidades que você seccionou formariam a personalidade secundária chamada “sombra”. (SANFORD apud ZWEIG e ABRAMS, 1991, p. 44, grifo do autor)

É proveitoso que, nessa declaração, tenha sido descrito como exemplo um contexto em que se inserem ambas as famílias do conto. Quanto à grande influência da cultura, da religião e da moral vigentes sobre os personagens, reconhecemos aqui o ego ideal da nossa narradora, que é religiosa, insegura e decorosa. O reprimido na sombra da narradora é o perverso; em contrapartida, quem vive o perverso é Ofélia e sua família. A narradora e Ofélia se

reconhecem na dor, a sombra de uma e de outra dialogam entre si<sup>4</sup>, projetadas. Enquanto o ego ideal da narradora é ser moral, sua sombra quer se vingar<sup>5</sup>, o que seria imoral.

Em entrevista, partindo de uma polêmica citação de Jung — “Prefiro ser íntegro a ser bom” — e questionado quanto ao porquê da maioria das pessoas não conseguir reconhecer a relação existente entre a maldade e o excesso de bondade, o analista junguiano John A. Sanford teceu o seguinte comentário:

Na verdade, é esse o problema do ego e da sombra, um problema que fica bem claro na tradição cristã. Na Bíblia, as diferenças entre o bem e o mal estão traçadas com muita nitidez: existe Deus, que é bom, e existe o Diabo, que é mau. Deus quer que o ser humano seja bom e Deus castiga o mal. De acordo com o Novo Testamento, se uma pessoa se entrega ao mal e pratica más ações, sua alma se corrompe e é destruída; ou seja, instala-se um processo psicológico negativo. Assim, diante do cristão está sempre o objetivo ou o modelo de “ser bom”, e isso é algo que tem valor.

No entanto, a tradição cristã original reconhecia que o homem traz, dentro de si, o seu oposto. São Paulo disse: “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero” (Romanos 7:19). Estas são palavras de um profundo psicólogo; ele sabia que tinha uma sombra e acreditava que só Deus poderia salvá-lo dessa condição. Porém, o fato de *conhecer* sua condição mantinha a sua integridade.

Mais tarde, essa perspectiva profunda perdeu-se e as pessoas se sentiam obrigadas a se identificar com o bem ou, pelo menos, a fingir que eram boas. Quando faz isso, você depressa perde contato com a sombra. E em algum ponto do percurso — isso fica evidente na Idade Média — a Igreja cometeu um grave erro: além das ações, também as *fantasias* passaram a ser más. Você era mau simplesmente por entreter fantasias sobre o mal; adultério era pecado, mas pensar em adultério também era pecado. Ambos precisavam ser confessados e perdoados.

E com isso as pessoas começaram a negar e a reprimir suas fantasias, e a sombra foi empurrada ainda mais para o fundo. A divisão ampliou-se. (SANFORD apud ZWEIG e ABRAMS, 1991, p. 42, 43, grifos do autor)

A partir da explicação de Sanford, podemos refletir com mais clareza quanto a como funciona a influência do contexto sociocultural, socioreligioso sobre a forma como os personagens do conto entendem e se relacionam com o Bem e o Mal.

---

<sup>4</sup> “Ela [Ofélia] sustentou o olhar. O olhar onde — com surpresa e desolação — vi fidelidade, paciente confiança em mim e o silêncio de quem nunca falou” (LISPECTOR, 1999, p. 92).

<sup>5</sup> “Com alguma vergonha notei afinal que estava me vingando” (LISPECTOR, 1999, p. 97).

Pode-se dizer que a sombra de Ofélia começa a “vazar” diante do sentimento de inveja que ela sente em função do pinto, objeto de seu desejo. A menina, então, é metamorfoseada em um segundo lado de sua personalidade: a sua sombra. Sendo persona aquilo que vestimos em sociedade, o eu infantil de Ofélia não pode ser considerado persona — pois que é reprimido, escondido —, mas sombra. Persona é a máscara adultizada que Ofélia insiste em usar.

Não podemos falar de sombra, persona e demais arquétipos sem antes situar o depositário desses, chamado inconsciente coletivo. Segundo Jung, “do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum” (JUNG apud SILVEIRA, 1997, p. 64). A esse substrato, ele nomeou inconsciente coletivo, o “DNA” das heranças psicológicas da humanidade e no qual se embasam nossos instintos. “Na qualidade de herança comum, transcende todas as diferenças de cultura e de atitudes conscientes, e não consiste meramente em conteúdos capazes de se tornarem conscientes, mas em disposições latentes para reações idênticas” (JUNG apud SILVEIRA, 1997, p. 64).

Posto isso, estamos todos conectados por uma rede atemporal de narrativas tanto pessoais como coletivas. Não existe experiência humana que não esteja vinculada à vivência humana universal, por mais íntima e particular que seja. Os arquétipos são, nesse sentido, estruturas psíquicas de imagens primordiais, concebidas como uma “tendência para formar estas mesmas representações de um motivo — representações que podem ter inúmeras variações de detalhes — sem perder a sua configuração original” (JUNG, 1995, p. 67). Dentre essa infinidade de arquétipos, temos a sombra. É nela que, como dito anteriormente, é gravado o socialmente condenável ou incompatível com o consciente. “A figura da sombra personifica tudo que o sujeito não reconhece em si e sempre o importuna, direta ou indiretamente” (JUNG, 2014, p. 284).

Apesar do que aparenta ser, a sombra não contém apenas o negativo. Onde há sombra, há luz, e onde há luz, há sombra. Para Jung, ela não seria o oposto da luz, mas complementar a ela. Através dela, podemos nos libertar de traumas e medos e redescobrir nossa energia criativa: “qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispôs de energia suficiente para levá-las adiante, quando isso exigisse ultrapassar convenções vulgares” (SILVEIRA, 1997, p. 81, 82).

Como seres pensantes, devemos tomar consciência de nossa sombra e, assim, integrá-la, caminhando para cada vez mais perto da individuação. Segundo Jung (1989), alcançar a individuação consistiria em assimilar o consciente e o inconsciente; não há como constituírem uma totalidade quando um domina e anula o outro. A individuação não é um estado de espírito, mas um processo sempre em curso que visa a ampliação da consciência, mediante a compreensão dos arquétipos e a reconciliação dos opostos. Para, desse modo, nos organizarmos como unidade consciente e indivíduos integrais.

Retomando o arquétipo da sombra, esse pode projetar-se individual ou coletivamente. No primeiro caso, projetamos em outro indivíduo o que suprimimos em nossa própria sombra, como Ofélia e sua família fazem ao inferiorizar a vizinha. Enxergam, na vizinha, seu inimigo. O mal surge, portanto, como força destrutiva que pretende derrotar seu oponente, aqui personificação também do desejo de Ofélia. De que forma? Pela subjugação da outra para que a menina possa tomar para si o posto de adulta.

No segundo caso, em sua forma mais abrangente, o mal é projetado de modo massivo, como nas guerras (no Holocausto Nazista, os judeus eram culpabilizados), na personificação do mal na figura de uma entidade (uma entidade é eleita como maligna, por exemplo “não somos nós que pecamos, mas o Diabo que nos tenta”), na abominação de um grupo (xenofobia, racismo, homofobia, gordofobia). Mesmo que nossas intenções e ideais se mostrem contrários, somos defrontados com a violência humana em suas mais diversas configurações. É assim que a sombra — catastroficamente — há de manifestar-se, de acordo com cada indivíduo e cultura.

Quanto ao arquétipo da persona, Jung (2012) diz: “A palavra *persona* é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar” (p. 46, grifo do autor). Assim, identifica-o como “figura de compromisso que representamos diante da coletividade” (p. 47). No curso da vida, atuamos trocando de máscara a todo instante, a depender do ambiente, das circunstâncias e de com quem estamos.

O problema sucede quando o indivíduo começa a confundir-se com uma ou mais de suas personas, ao ponto de tornar-se aquele disfarce, acreditando sê-lo ou não mais reconhecendo a si próprio, sem conseguir diferenciar-se dele. Temos, a título de exemplo,

Ofélia, que olha para si como adulta — está a crer ser (quase) uma, apesar dos seus ínfimos oito anos.

Não há quem não saiba o que significa “assumir um ar oficial”, ou “desempenhar seu papel na sociedade”. Através da persona o homem quer *parecer* isto ou aquilo, ou então se esconde atrás de uma “máscara”, ou até mesmo constrói uma persona definida, a modo de muralha protetora. (JUNG, 2012, p. 64, grifo do autor)

Para Sá (1979), “a epifania sempre traz salvação. O descrente pode a ela subtrair-se, mas atrai sobre si o pólo oposto, isto é, a perdição e o juízo” (p. 133). Em outras palavras, o eu-adultizado de Ofélia — através da antiepifania ocasionada pelo pinto — encontra a perdição, mas à menina é revelado o seu oposto: o juízo, quando Ofélia enfim conclui a transmutação e atrai sobre si a criança que ama e cuida. “A meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona” (JUNG, 2012, p. 64).

### 3.2 A bipartição penosa

Em seu momento de martírio supremo, sofrendo as dores do parto de si mesma, Ofélia é acompanhada pela vizinha, que, naquele momento, vai guiando-a como mentora. A narradora-personagem, que na primeira parte do conto é enviada para a salvação do pinto, agora também deve socorrer a menina. A salvação a que a protagonista se refere é livrar Ofélia de si mesma, da negação que ela criou em ser criança, do seu modo de se portar, da persona de seu eu adultizado e soberbo.

Eu sabia de grande incidência de mortalidade infantil. Nela a grande pergunta me envolvia: vale a pena? Não sei, disse-lhe minha quietude cada vez maior, mas é assim. Ali, diante de meu silêncio, ela estava se dando ao processo, e se me perguntava a grande pergunta, tinha que ficar sem resposta. Tinha que se dar — por nada. Teria que ser. E por nada. Ela se agarrava em si, não querendo. Mas eu esperava. Eu sabia que nós somos aquilo que tem de acontecer. (LISPECTOR, 1999, p. 95)

Para que a travessia se complete, há o risco. Vemos que Ofélia está a desmanchar-se e a incidência de mortalidade é alta. Ofélia está sendo engolida pela sua própria sombra, por toda a energia que, antes suprimida, agora vem à tona disparada pelo pinto. Ele é apenas o estopim pelo qual a sombra aguardava. A pergunta é lançada: valeria a pena tanto sofrimento para libertar-se? Teria forças para aguentar nascer? “Não sei, disse-lhe minha quietude cada

vez maior, **mas é assim**” (LISPECTOR, 1999, p. 95, grifo nosso) — referência ao fato de as coisas serem assim mesmo (LISPECTOR, 1999, p. 87).

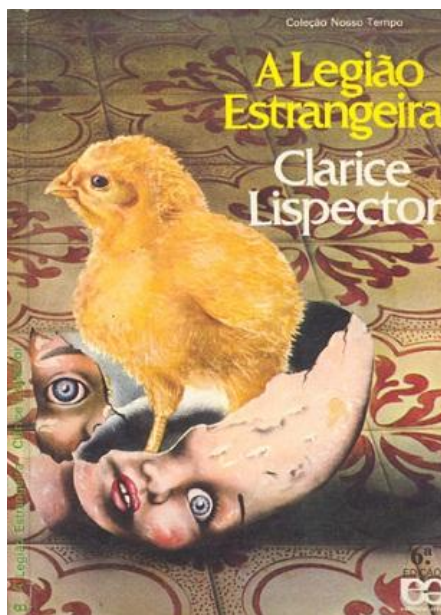


Figura 1 - O pinto — símbolo de nascimento, vida nova — rompe a casca de Ofélia.

Fonte: LISPECTOR, Clarice. *A Legião Estrangeira*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1983.

Fala-se da coragem da menina, “a coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena” (LISPECTOR, 1999, p. 96). É Ofélia que sente as dores de nascer, como se parisse a si mesma. Porém, ela não tivera escolha, resistira antes, não querendo, e assim levantamos dúvidas se sua coragem seria legítima, ela que apenas sucumbe à cobiça de ter o pinto para ela. Sua força, no entanto, sempre indiscutível, sobrevive ao seu próprio parto: o confronto entre sombra e persona.

Sei que deveria ter mandado, para não expô-la à humilhação de querer tanto. Sei que não lhe deveria ter dado a escolha, e então ela teria a desculpa de que fora obrigada a obedecer. Mas naquele momento não era por vingança que eu lhe dava o tormento da liberdade. É que aquele passo, também aquele passo ela deveria dar sozinha. Sozinha e agora. Ela é que teria de ir à montanha. Por que — confundia-me eu — por que estou tentando soprar minha vida na sua boca roxa? por que estou lhe dando uma respiração? como ousou respirar dentro dela, se eu mesma... — somente para que ela ande, estou lhe dando os passos penosos? sopro-lhe minha vida só para que um dia, exausta, ela por um instante sinta como se a montanha tivesse caminhado até ela?



Teria eu o direito. Mas não tinha escolha. Era uma emergência como se os lábios da menina estivessem cada vez mais roxos. (LISPECTOR, 1999, p. 97)

Diversos personagens bíblicos, inclusive Jesus, sempre que haviam de dizer ou fazer algo importante, subiam a um monte ou a uma montanha. É numa montanha onde Moisés recebe os dez mandamentos e é também de um monte que Jesus fala aos homens o conhecido Sermão da Montanha. Desde a mitologia grega até a escritura bíblica, a montanha é lugar de transcendência, objetivo da ascensão humana, ponto de encontro entre o céu e a terra, entre a morada dos deuses e a morada dos homens.

Além do mais, segundo o *Dicionário de Símbolos* (1989) de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, a montanha, “na medida em que é o centro das hierofanias atmosféricas e de numerosas teofanias, participa do simbolismo da manifestação” (p. 616). *Epipháneia* — vocábulo grego do qual o termo epifania se originou — é traduzido como manifestação, aparição. Na Suméria, as montanhas são tidas como a “massa primordial não diferenciada, o Ovo do mundo” (p. 616). E quanto à “avidez de ovo” (LISPECTOR, 1999, p. 95) de Ofélia em sua metamorfose? Seria possível Clarice ter tido acesso a simbologias tão específicas quando escreveu sobre tais temas? Pouco provável e, todavia, tantas ligações e sincronicidades possíveis.

Passada a metamorfose, Ofélia ainda está a correr risco de vida. Para que seja de fato libertada, é preciso que ela assuma o desejo, confesse a vontade sedenta. Não tendo sido mandada a ir ao pinto pela narradora, Ofélia não tem “a desculpa de que fora obrigada a obedecer”; o livre arbítrio — “o tormento da liberdade” — a desmascararia assim que desse o primeiro passo. Por isso, Ofélia não tem outra escolha que não seja vencer o orgulho para ir ela mesma até o pintinho. Em vista disso, aqui a montanha é também lugar de purificação, como trajetória a ser escalada. Dante situa o paraíso terrestre no pico da montanha do Purgatório.

A metamorfose de Ofélia é também o momento em que os personagens chegam o mais próximo de uma conexão: “Não era somente a um rosto sem cobertura que eu a expunha, agora eu a expusera ao melhor do mundo: a um pinto. Sem me verem, seus olhos quentes me fitavam numa abstração intensa que se punha em íntimo contato com minha intimidade” (LISPECTOR, 1999, p. 95). A intimidade tão evitada por medo de um excesso de compreensão aqui se consuma.

A persona materna da narradora-personagem tem papel crucial na transformação da menina. As duas rivais se fundem num só corpo etéreo: “Ouvia bater dentro de mim um coração que não era o meu” (LISPECTOR, 1999, p. 95), mas o coração do feto. Com o sim, a narradora-personagem admite a gestação: “Sim, repetiu meu silêncio para o dela, sim. Como na hora de meu filho nascer eu lhe dissera: sim. Eu tinha a ousadia de dizer sim a Ofélia, eu que sabia que também se morre em criança sem ninguém perceber” (LISPECTOR, 1999, p. 96).

Ofélia bebe de suas forças, como um feto se alimenta dos nutrientes da mãe:

Eu estava seca e inerte na cadeira para que a menina se fizesse **por dentro de outro ser**, firme para que ela lutasse **dentro de mim**. [...] Sua luta se fazia cada vez mais próxima e em mim, como se aquele indivíduo que nascera extraordinariamente dotado de força estivesse **bebendo de minha fraqueza**. Ao me usar ela me machucava com sua força; ela me arranhava ao tentar **agarrar-se às minhas paredes lisas**. (LISPECTOR, 1999, p. 97, 98, grifos nossos)

As paredes lisas não seriam as paredes do útero em que Ofélia se encontra? O texto de novo demonstra ser a protagonista o meio materno através do qual Ofélia irá parir a si mesma.

Há de se supor que é Ofélia a criança que a mulher que vem de noite apela para que seja curada (LISPECTOR, 1999, p. 89): [a] “Porque é de noite, [b] porque estou sozinha na noite de outra pessoa, [c] porque este silêncio é muito grande para mim”. Em [a], recordemos a passagem em que Ofélia descobre o pinto: “Um pinto faiscara um segundo em seus olhos e neles submergira para nunca ter existido. E a sombra se fizera. Uma sombra profunda cobrindo a terra” (LISPECTOR, 1999, p. 94). Toda a terra é então coberta pela escuridão, anoitece nos olhos de Ofélia. Em [b], a “noite” (a sombra), se não é da narradora, descobrimos aqui ser de Ofélia. Por fim, em [c], a “pior parte”, a força do silêncio da menina que a narradora não suporta.

Na dedicatória de *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice (1964) escreve ao leitor que G.H. foi lhe dando “pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria”. Em “A Legião Estrangeira”, lemos quanto ao processo metamórfico de Ofélia: “Não sem dor. Em silêncio eu via a dor de sua alegria difícil” (LISPECTOR, 1999, p. 95). Como cobra que troca de pele e mexe a língua bifurcada pelos lábios, o corpo de Ofélia se descola do invólucro que antes assegurava sua cobertura para ser largado no chão. Ofélia começa a sair de sua casca, “a lenta cólica de um caracol” (LISPECTOR, 1999, p. 95) que sai da concha.

Ela passou devagar a língua pelos lábios finos. (Me ajuda, disse seu corpo na bipartição penosa. Estou ajudando, respondeu minha imobilidade.) A agonia lenta. Ela estava engrossando toda, a deformar-se com lentidão. Por momentos os olhos tornavam-se puros cílios, numa avidez de ovo. E a boca de uma fome trêmula. Quase sorria então, como se estendida numa mesa de operação dissesse que não estava doendo tanto. **Ela não me perdia de vista: havia marcas de pés que ela não via, por ali alguém já tinha andado, e ela adivinhava que eu tinha andado muito.** Mais e mais se deformava, quase idêntica a si mesma. Arrisco? Deixo eu sentir?, perguntava-se nela. Sim, respondeu-se por mim. (LISPECTOR, 1999, p. 95, 96, grifo nosso)

O trecho grifado não é a primeira nem a única insinuação de que a narradora já tivera vivido ou presenciado aquilo antes. Em consequência disso é que a bondade intimida a narradora. Nisso se explica a intimidade das duas e a disposição para salvar Ofélia, a menina na qual a narradora sutilmente se enxerga. Salvando Ofélia, talvez salvasse a si própria do passado. No fim do conto, ela suplica para salvar a menina fugida:

Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro! a gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada. Eu que não me lembrara de lhe avisar que sem o medo havia o mundo. (LISPECTOR, 1999, p. 100)

Antes de chegarmos a isso, retornemos à “bipartição penosa”. Aqui, os vocábulos escolhidos por Lispector destacam bem as duas Ofélias: a Ofélia adultizada que se parte em duas para gerar seu eu criança. Também sobre isso, encontramos a seguinte colocação em nossa pesquisa:

Essa ideia de primitivismo está muito acentuada no ato da divisão da menina em duas. A imagem condensada na expressão “seu corpo em bipartição penosa” aponta para o processo de reprodução (bipartição ou cissiparidade), típico de seres primitivos e unicelulares, como as amebas e os paramécios. Lispector não estaria comparando o universo infantil com o mundo primitivo, fonte das pulsões primárias em pura potência? (SILVA, 2011, p. 151, 152)

Aproveitando o apontamento de Gilson Antunes da Silva, pensemos a respeito do primitivismo humano aqui já tão abordado, sede dos nossos impulsos mais íntimos e que, ao longo da História, estamos sempre tentando apagar. Negamos a perversidade em nós como se jamais fôssemos capazes de ações como as que vemos na violência coletiva. “Não a

admitimos de modo algum; não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós”, coloca Freud (1997), pois assim veríamos “o quanto fomos malsucedidos exatamente nesse campo de prevenção do sofrimento” (p. 37).

Quantas vezes não somos tomados por impulsos que depois nos levam a impressões perplexas de nós mesmos, a falas como “Eu não queria ter dito/feito aquilo” ou “Não me reconheci”? Quantas vezes não ouvimos a expressão “perder a cabeça” ou “subir à cabeça”? Seria mais proveitoso para nós admitir o obscuro que habita nossa humanidade, só assim — tomando consciência de sua existência — é que poderemos obter algum controle sobre ele.

## 4 O ABISMO DA DESORDEM

### 4.1 O assassinato

Ofélia evoca todo o seu poder para se mostrar mais adulta que a própria adulta e, desse modo, ocupar o papel de maior autoridade. Critica, humilha. É quase como se pudéssemos ouvir sua inquietação de quem acredita estar sendo injustiçada: como é que a poderosa e inteligente Ofélia não é adulta, ela que é “mais adulta” que aquela outra mulher fraca e incapaz? A inveja, que é um dos pecados capitais, não é algo que admitamos. Pelo contrário, quem está a sentir inveja a sente secretamente, o que torna mais difícil a sua identificação.

A inveja que Ofélia sente se revela pelo olhar, assim que descobre o pinto:

Nos olhos que pestanejaram à dissimulada sagacidade, nos olhos a grande tendência à rapina. Olhou-me rápida, e era a inveja, você tem tudo, e a censura, porque não somos a mesma e eu terei um pinto, e a cobiça — ela me queria para ela. Devagar fui me reclinando no espaldar da cadeira, sua inveja que desnudava minha pobreza, e deixava minha pobreza pensativa; não estivesse eu ali, e ela roubava minha pobreza também; ela queria tudo. (LISPECTOR, 1999, p. 94, 95)

A pobreza da qual estava tão certa a narradora, a partir desse instante, é posta em xeque. Se tão pobre, como poderia ser tão invejada? Pensativa, a narradora-personagem percebe enfim que a menina a quer e cobiça sê-la. Ofélia quer ser adulta, quer saber tudo, quer o pinto, quer ser a vizinha; no fim das contas, está mais preocupada em possuir do que com o que possui. Isso posto, está tudo interligado: a soberba, o orgulho, a inveja, a cobiça.

Ofélia não quer o pinto simplesmente, quer o que ele representa, quer o poder de ser tudo dela, quer soberania. Assim sendo — já que não pode possuí-lo, apenas tê-lo emprestado —, Ofélia prefere a morte de seu objeto de amor do que o fato de ele pertencer à vizinha e não a ela. A condenação de Cristo se deu em grande parte pela inveja dos homens, pela inveja de Judas que o entrega. O pinto morre porque a inveja de Ofélia foi maior que o amor.

Ofélia pode ter matado o pinto por três razões: para que a protagonista não o possuísse mais, uma vez que Ofélia tinha inveja dela; para que Ofélia pudesse retornar ao seu eu adulto, visto que o desejo pelo pinto que a tinha infantilizado; ou por mero acidente, sendo ela uma criança. As três hipóteses nos são apresentadas como possíveis, embora a última pareça ser a menos convincente.

Apesar do apelo da narradora ao final do conto — “Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor” (LISPECTOR, 1999, p. 100) —, entender assim seria apenas uma apreensão branda dos fatos, que suprime do ocorrido a corrupção do amor em inveja. A fala da narradora não só busca consolar Ofélia, mas a si mesma, amenizando aquele crime que, afinal, reproduz seu passado nebuloso de pecados reprimidos. E diz: “Eu que não me lembrara de lhe avisar que sem o medo havia o mundo” (LISPECTOR, 1999, p. 100). Se ela se permitisse enxergar em Ofélia o crime doloso, seria confrontada com o mesmo veredito, o que seu ego ideal abomina.

Teria Ofélia de fato se assustado consigo mesma? Mas de que Ofélia estaríamos falando? A criança que se assusta e foge ou a adulta perversa que foge dissimulada da cena do crime? Concluimos que Ofélia mata o pinto não por acidente, e sim por uma combinação simultânea de querer: determinadamente para tirá-lo da vizinha e possivelmente para retornar à sua persona adultizada. A sombra de Ofélia — a criança — vaza, mas não se sustenta. O que ocorre é a posse da sombra: ela assume e, depois, retoma o interior.

Em outras palavras, Ofélia não sustenta o efeito do infantil. Não é uma coisa por causa da outra, mas um evento conjunto: o infantil retorna para dentro ao mesmo tempo que a persona adultizada se instaura novamente. Isso posto, o que atestamos é o crime de Ofélia ter sido culposamente de fato.

#### **4.2 Uma legião de estranhezas**

Demos prosseguimento à nossa análise com algo que começa a ser atestado já nas primeiras páginas do conto “A Legião Estrangeira”:

Era impossível dar-lhe a palavra asseguradora que o fizesse não ter medo, consolar coisa que por ter nascido se espanta. Como prometer-lhe o hábito? Pai e mãe, sabíamos quão breve seria a vida do pinto. Também este sabia, do modo como as coisas vivas sabem: através do susto profundo. (LISPECTOR, 1999, p. 88)

Os adultos permitirão que o pinto morra, uma vez que preveem seu destino e nada fazem para impedi-lo. Como é previsto, o pinto irá morrer como o que Ofélia matou. O amor pode ser fatal, e assim o pinto tem razão em temer. Também porque o pinto, simbolizando Jesus, haveria de morrer logo. Neste outro trecho já comentado, lemos: “Era impossível dar-lhe a palavra asseguradora que o fizesse não ter medo, consolar coisa que por ter nascido se espanta”. Nascer, estar vivo é motivo para temer.

Outra reflexão crítica além dessa resignação antes já acusada é a crítica ao prazer às custas do outro. O medo que o pinto sentia deles os acusava de uma alegria leviana, amolação, os expulsava. O amor que “prende” para possuir aquilo que ama: “Pouco a pouco tínhamos no rosto a responsabilidade de uma aspiração, o coração pesado de um amor que já não era mais livre” (LISPECTOR, 1999, p. 87); e também Ofélia quando conclui: “Coitado dele, ele é meu” (LISPECTOR, 1999, p. 98). No lugar da liberdade, a responsabilidade. O amor deles pelo pinto rouba dele sua liberdade e, em contrapartida, a responsabilidade também lhes rouba o amor livre.

De novo vemos o amor se corromper, se antes em inveja, agora em dependência, faca de dois gumes. Se o objeto de seu amor já não é mais livre, também eles não o são e mais gravemente Ofélia, a obcecada.

Depois que rimos, Ofélia pôs o pinto no chão para andar. Se ele corria, ela ia atrás, parecia só deixá-lo autônomo para sentir saudade; mas se ele se encolhia, pressurosa ela o protegia, com pena de ele estar sob o seu domínio, "coitado dele, ele é meu"; e quando o segurava, era com mão torta pela delicadeza — era o amor, sim, o tortuoso amor. Ele é muito pequeno, portanto precisa é de muito trato, a gente não pode fazer carinho porque tem os perigos mesmo; não deixe pegarem nele à toa, a senhora faz o que quiser, mas milho é grande demais para o biquinho aberto dele; porque ele é molezinho, coitado, tão novo, portanto a senhora não pode deixar seus filhos fazerem carinho nele; só eu sei que carinho ele gosta; ele escorrega à toa, portanto chão de cozinha não é lugar para pintinho. (LISPECTOR, 1999, p. 98)

Só ela sabe que carinho ele gosta e do que ele precisa, a soberba Ofélia. A pena que Ofélia sente é razoável porque o pinto é mesmo digno de pena, sendo seu prisioneiro. Não poderíamos alegar com certeza, mas, a julgar pelo gaguejar em sua voz, “— Acho — Acho que vou botar ele na cozinha” (LISPECTOR, 1999, p. 99), talvez o pintinho já estivesse morto. Afinal, por que o levaria para o tão inadequado “chão de cozinha” como ela mesma afirmara antes não ser lugar para pintinho? Ofélia o leva para a cozinha para esconder sua morte.

Há muito tempo eu tentava de novo bater a máquina procurando recuperar o tempo perdido e Ofélia me embalando, e aos poucos falando só para o pintinho, e amando de amor. Pela primeira vez me largara, **ela não era mais eu**. Olhei-a, toda de ouro que ela estava, e o pinto todo de ouro, e os dois zumbiam como roca e fuso. **Também minha liberdade afinal**, e sem ruptura; adeus, e eu sorria de saudade. (LISPECTOR, 1999, p. 98, 99, grifos nossos)

Depois da metamorfose em criança, Ofélia abandona sua obsessão em ser a vizinha para ter nova obsessão: amar o pinto. Liberta, assim, a narradora de seu domínio e também a narradora larga Ofélia e encontra paz. “Ela não era mais eu”, pensa a narradora-personagem, que agora não mais se enxerga naquela menina, pois que foi salva. Após a antiepifania, Ofélia e o pintinho brilham dourados, iluminados — antônimo da escuridão que, no conto, referencia o Mal. “E eu sorria de saudade” deve deter-nos um momento, pois por que a saudade? Por que sentir falta daquilo que tanto a perseguia? E por que, sendo adulta, não se livrara antes do suplício que eram as visitas da menina? É nesse trecho que a narradora assume o que antes já nos questionávamos: saudosa porque, no fundo, a estranheza de Ofélia a atraía tanto quanto. Aquele estrangeirismo de uma e outra.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o conto “A Legião Estrangeira” abriu eixos de análise diversos, que encontraram o seu vértice naquilo que é o título deste trabalho, o abismo da desordem do qual Lispector nos fala. Como escritora e como pessoa, Clarice foi uma interessada pelo que muitas vezes ficava à sombra, que não se enxerga imediatamente ou, conforme ela mesma chamava, as ditas entrelinhas e silêncios que precisam ser ouvidos.

Uma das reflexões centrais que “A Legião Estrangeira” suscita é: o ser humano é bom ou mau? Neste estudo, antes buscamos demonstrar que o ser humano é bom e mau do que nos determos numa pergunta que suporia uma única resposta. Esse entendimento vai de encontro a um princípio que permeia toda a Psicologia Junguiana, o Princípio dos Opostos. Basicamente, toda sensação e desejo teriam o seu oposto; e o conflito entre essas polaridades seria o gerador da energia psíquica motivadora de nossos comportamentos.

Apesar dessa nomenclatura, para Jung os opostos são, na verdade, polos complementares, que precisam estar em harmonia para que a psique atinja o equilíbrio. Ou, em outras palavras, a individuação. Assim, entendemos que os personagens de “A Legião Estrangeira”, ainda que num primeiro momento incorporem papéis que parecem se opor — vilão versus herói —, encerram ambos em si.

Uma obra se lê por diversos ângulos e a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia são áreas que muito nos auxiliaram nessa leitura da obra e do humano. Com a perversa Ofélia, Clarice desmistifica o modo com que as crianças são comumente enxergadas, culminando no clímax do conto que é a metamorfose de Ofélia de um polo para outro. Talvez não levemos jeito para a bondade e o amor tanto quanto não levamos para a maldade e o ódio.

Para ler as entrelinhas, é preciso conhecer que histórias um símbolo conta; o pinto, a maternidade, os referenciais cristãos, o nome de Ofélia, as palavras escolhidas pela autora. Exploramos cada um deles não só para que nos aprofundássemos em nossos entendimentos, mas porque, conforme Jung já sabia, transmitem verdades universais riquíssimas. A Literatura, afinal, como toda a Arte, é um prisma revelador — com que se enxerga o coletivo através do singular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.
- JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- KAHLO, Frida. *Frases de Frida*. Frida Kahlo - Pasi3n por la Vida, 2006. Disponível em <[http://fkahlo.com/espanol/index\\_espanol.html](http://fkahlo.com/espanol/index_espanol.html)>. Acesso em: 7 set. 2017.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.
- LISPECTOR, Clarice. *A Legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paix3o Segundo G.H.*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- LISPECTOR, Clarice. *Para N3o Esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MEDEIROS, Vera Lúcia Cardoso. *O Direito ao Avesso: Uma Leitura de A Legião Estrangeira, de Clarice Lispector*. 1995. 125fl. Dissertaç3o de Mestrado — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- MOSER, Benjamin. *Clarice*,. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- ROSENBAUM, Yudith. *A EXPERIÊNCIA DE LER CLARICE LISPECTOR / YUDITH ROSENBAUM*. Youtube, 9 ago. 2016. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Klq3xe\\_\\_Fyo&t=68s](https://www.youtube.com/watch?v=Klq3xe__Fyo&t=68s)>. Acesso em: 5 set. 2017.

ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfoses do Mal: Uma Leitura de Clarice Lispector*. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2006. — (Ensaio de Cultura; 17).

SÁ, Olga de. *A Escrita de Clarice Lispector*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

SILVA, Gilson Antunes da. *O Cenário da Dispersão Passional: Matizes do Infantil em Clarice Lispector*. Inventário: Revista dos Estudantes da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, n. 9, p. 147-161, semestral, 2011.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra*. 16. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

TELES, Ana Carolina Sá. *A Relação entre Pessoas e Animais em Contos de A Legião Estrangeira, de Clarice Lispector*. Opiniões: Revista dos Alunos de Literatura Brasileira. São Paulo: FFLCH:USP, v. 5, n. 6/7, p. 207-220, semestral, 2015.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Orgs.). *Ao Encontro da Sombra: O Potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.